



UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DO EROTISMO ATRAVÉS DAS PERSONAGENS FEMININAS DO ROMANCE *O CORTIÇO*, DE ALUÍSIO AZEVEDO

Mestre em Teoria da Literatura - UFPE
Fabiana Câmara Furtado¹ (Coautora e orientadora)

Graduanda em Letras - UNICAP
Cláudia Paulino da Silva² (Coautora)

RESUMO: os romances naturalistas apresentam na sua gênese uma forte presença do elemento erótico e sexual. Com base nessa constatação, este trabalho tem como objetivo analisar as personagens femininas no romance naturalista. Será utilizado como *corpus* desse trabalho o romance “O cortiço”, de Aluísio Azevedo. Nascido no Maranhão, o escritor é reconhecido como o grande nome da prosa naturalista brasileira. Autor de diversas obras que expressam os princípios estéticos dessa corrente literária nascida na França pelas mãos do escritor Émile Zola e que conquistou diversos países e escritores. Como se sabe, a literatura naturalista tentou explicar o comportamento humano tendo por base as descobertas científicas que assolaram a segunda metade do século XIX. Para tanto, irá utilizar os preceitos do Positivismo, do Evolucionismo e do Determinismo. Nesse trabalho também será pesquisado de que forma essas correntes de pensamento influenciaram a maneira da sexualidade e do erotismo serem apresentados no texto naturalista. Aluísio Azevedo, com a intenção de abraçar, incondicionalmente, a estética naturalista, no romance “O cortiço”, teve a pretensão de “dizer quase tudo”, provocando a ira dos moralistas da época que viam as suas obras como textos permissivos, licenciosos, obscenos, ou seja, proibidos. Isso fez com que ele recebesse a fama de um escritor maldito sendo acusado de corromper os parâmetros moralistas da sociedade brasileira da época. Sempre é importante ressaltar que num período no qual ainda se faziam presentes os ecos do movimento romântico, expor o ser humano e os problemas da sociedade com a crueza típica do Naturalismo não era algo que fosse de imediato

¹ Professora de Literatura Brasileira, Portuguesa e História da Arte da Universidade Católica de Pernambuco.
E-mail: fabiacf2@yahoo.com.br

² Estudante do oitavo período do curso de Letras da Universidade Católica de Pernambuco e estagiária do Projeto Fé y Alegria.
E-mail: claudinha_social@hotmail.com



compreendido e aceito. Portanto, nesse trabalho temos a intenção de reforçar a importância de Aluísio Azevedo para nossa literatura, através do estudo do seu romance mais popular, investigando como o autor faz a representação dos desejos sexuais entre as personagens femininas presentes n' "O cortiço".

Palavras - chave: Naturalismo, prosa, cientificismo, mulheres, ruptura.

ABSTRACT: the Naturalistic novels have their genesis in the presence of a strong erotic and sexual element. Based on this finding, this study aims to analyze the female characters in the naturalistic novel. Will be used as a *corpus* of this work the novel "O cortiço" by Aluísio Azevedo. Born in Maranhão, the author is recognized as the biggest name in Brazilian naturalist prose. Author of several works that express the aesthetic principles of this stream of literature born in France at the hands of writer Emile Zola, who conquered many countries and writers. As we know, the naturalist literature attempted to explain human behavior based on the scientific discoveries that have plagued the second half of the nineteenth century. To do so, will use the precepts of positivism, evolutionism and determinism. In this paper, we studied how these schools of thought have influenced the way of sexuality and eroticism are presented in the text naturalist. Aluísio Azevedo, with the intent to embrace unconditionally the naturalist aesthetic in the novel "O cortiço" had the pretense of "saying almost anything" provoking the ire of moralists of the time they saw their works as texts lax, licentious, obscene, that is prohibited. This caused him to receive the fame of being a damned writer accused of corrupting the moral parameters of Brazilian society. It is always important to note that in a period in which there were present the echoes of the Romantic movement, exposing the human being and society's problems with the crudeness typical of naturalism was not something that was immediately understood and accepted. Therefore, in this work we intend to reinforce the importance of Aluísio Azevedo for our literature, through the study of his most popular novel, investigating how the author makes the representation of sexual desire between female characters present in the novel "O cortiço".

Keywords: Naturalism, prose, scientism, women, breaking.

INTRODUÇÃO:



IV Colóquio de História

*Abordagens Interdisciplinares sobre História da Sexualidade
de 16 a 19 de novembro de 2010 - UNICAP*

O Romantismo era a apoteose do sentimento; o Realismo é a anatomia do caráter. É a crítica do homem. É a arte que nos pinta a nossos próprios olhos – para nos conhecermos, para que saibamos se somos verdadeiros ou falsos, para condenar o que houve de mau na nossa sociedade. (Eça de Queirós)

Em uma palavra, devemos trabalhar com os caracteres, as paixões, os fatos humanos e sociais, como o químico e o físico trabalham com os corpos brutos, como o fisiólogo, trabalha com os corpos vivos. O determinismo domina tudo. (Emile Zola)

Proibir algo é despertar o desejo. (Michel de Montaigne)

Final do século XIX a sociedade européia vive em plena 2ª Revolução Industrial. As novas descobertas tecnológicas afastam cada vez o homem da época da subjetividade e da metafísica que marcaram a primeira metade desse século e representavam parte das características da escola romântica. Agora, teorias antimetafísicas surgem na filosofia tentando explicar o comportamento das pessoas da época. A ciência ganha uma extrema importância e atribui a si mesma o papel de explicar não somente fenômenos biológicos, mas também fenômenos sociais. Ancorados pela medicina, biologia e até pelos estudos na área da criminologia cientista proclamam verdades universais no intuito de moldar a sociedade e apontar os elementos corruptores da moral e dos bons costumes da época. As pessoas viviam vigiadas, mas não apenas pelas autoridades policiais, pois, naquela época, a palavra de um cientista também podia condenar ou absolver alguém. Toda essa mudança no contexto histórico vai resultar na criação de uma corrente literária que expressava as mudanças do momento:

- a) Predomina uma concepção materialista do mundo; e dissemos “predomina”, pois é necessário lembrar que na época entrecruzam-se várias ideologias e tendências no panorama da cultura ocidental.
- b) A realidade é interpretada como um todo orgânico em que o universo, a natureza e o homem estão intimamente associados e sujeitos, em igualdade de condições, aos menos princípios, leis e finalidades.
- c) A realidade, criada por um princípio superior como um ser primitivo, passa por um constante processo evolutivo, de acordo com um “sistema de leis naturais absolutamente definidas”.
- d) Para compreender e explicar a realidade, o homem só pode valer-se do conhecimento científico, através de fatos.
- e) É preciso, portanto, observar e analisar a realidade, para poder conhecê-la com precisão.

f) Não há transcendência: fatos psicológicos e sociais submetem-se às leis do universo e são manifestações materiais.

g) A natureza do homem, como a dos demais seres vivos, é determinada por circunstâncias exteriores; “nem a vontade, nem a razão podem agir independentemente de seu passado”. (PROENÇA FILHO, 2004: 239 – 240)



Figura 01: Um cortiço carioca do início do século XX

Há muito tempo persiste o diálogo poético entre textos artísticos eróticos, basta lembrarmos o que foi escrito de Aristófanes à pós-modernidade. No século XIX em virtude de abraçar incondicionalmente a estética naturalista, Aluísio Azevedo, no romance “O cortiço”, cuja pretensão fundamental era “dizer quase tudo”, provocou a ira dos moralistas e educadores, sendo acusado de corromper os costumes da sociedade brasileira. Ele procurou aplicar em seu romance experimental, as condições dos fenômenos das leis da natureza, que estavam sendo evidenciadas durante meados do século XIX. Como coloca muito bem o francês Emile Zola, primeiro escritor a publicar um romance de cunho naturalista:

“se o terreno do médico experimentador é o corpo do homem no fenômeno de seus órgãos, em estado normal e em estado patológico, o terreno do escritor naturalista é igualmente o corpo do homem nos seus fenômenos celebrais e sensuais, em estado sadio e em estado mórbido.” (ZOLA, 1982: 55).

Em resumo, Aluísio Azevedo, em seu romance, mostrou que a prosa naturalista incorporou a ciência e o homem, por isso não se devia mais ater-se à filosofia metafísica do Romantismo, devia levar em conta as novas idéias da época sobre a natureza e a vida. Por

outro lado, o escritor consegue com a força da linguagem e o inesperado do efeito sinestésico, um convite ao jogo da pulsão erótica transfigurado em prosa. A relação entre erotismo e prosa é tal que se pode dizer que o primeiro é uma prosa corporal e o segundo uma erótica verbal.



Figura 02: *Mulher nua reclinada*, Gustave Courbet (1852). Sensualidade que choca pela riqueza de detalhes e pela espontaneidade da imagem. A mulher e a nudez do pintor realista são reais e sedutoras.

Ambos são feitos de uma oposição complementar. A linguagem (som) que emite sentido, traço material que denota idéias corpóreas, é capaz de dar nome ao mais fugaz e evanescente: a sensação; por sua vez o erotismo não é mera sexualidade animal, é cerimônia, representação. “O erotismo é sexualidade transfigurada”. (PAZ, 1994:12). Podemos assim dizer que o erotismo é uma metáfora da sexualidade. Como podemos observar na descrição de Rita Baiana - personagem feminina da obra “O cortiço”:

“Naquela mulata estava o grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui: ela era a luz ardente do meio-dia; ela era o calor vermelho das sestras da fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras; era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta, era o veneno e era o açúcar gostoso; era o sapoti mais doce que o mel e era a castanha do caju, que abre feridas com o seu azeite de fogo; ela era a cobra verde e traiçoeira, a largata viscosa, a muriçoca doida, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele, assombrando-lhe as artérias, para lhe cuspir dentro do sangue uma centilha daquele amor setentrional, uma nota daquela música feita de gemidos de prazer, uma larva daquela nuvem de cantáridas que zumbiam em

torno da Rita Baiana e espalhavam-se pelo ar numa fosforescência afrodisíaca.” (AZEVEDO, 2007:49) (Grifos nossos)



Figura 03: *Samba*, Di Cavalcanti (1925). Uma roda de samba com passistas, cantadores, violeiros e capoeiras. Assim eram as animadas festas no cortiço de João Romão. Da mesma forma que a mulata do quadro de Di Cavalcanti, Rita Baiana era a mais festejada de todas as cabrochas do lugar.

Em outro momento da narrativa temos as seguintes palavras:

De todas as impressões daquele resto de domingo só lhe ficou no espírito o entorpecimento de uma desconhecida embriaguez, não de vinho, mas de mel chuchurreado no cálice de flores americanas, dessas muito alvas, cheirosas e úmidas, que ele na fazenda via debruçadas confidencialmente sobre os limosos pântanos sombrios, onde as oiticicas trescalam um aroma que entristece de saudade. (...) Mas Jerônimo nada mais sentia, nem ouvia, do que aquela música embalsamada de baunilha, que lhe entontecera a alma; e compreendeu perfeitamente que dentro dele aqueles cabelos crespos, brilhantes e cheirosos, da mulata, principiavam a formar um ninho de cobras negras e venenosas, que lhe iam devorar o coração. (AZEVEDO, 1995: 74 – 74) (Grifos nossos)

Nos trechos acima transcritos, há uma clara associação entre a imagem da mulata brasileira ao clima tropical e fauna do nosso país que, de acordo com o narrador, era exótico,



IV Colóquio de História

*Abordagens Interdisciplinares sobre História da Sexualidade
de 16 a 19 de novembro de 2010 - UNICAP*

indomável e cheio de mistérios. Domar aquela mulata era o mesmo que domar e decifrar nossa natureza hostil, porém, ao mesmo tempo, fascinante e tentadora. Ainda na visão determinista do narrador, temos a equiparação de Rita Baiana com os animais. Como se sabe, essa é uma das características do Naturalismo que tende a “bestializar” seres humanos. No caso da personagem em questão, uma das comparações utiliza a imagem de uma cobra, réptil responsável por instigar a curiosidade e o pecado na primeira mulher, além disso, o movimento sensual possuído pelo animal lembra o gingado sedutor da morena. Com isso, da mesma forma que Adão sucumbe ao pecado, Jerônimo também irá fazer o mesmo, pois a impressionante visão da Rita Baiana irá provocar uma arrebatadora paixão no pacato e caseiro português que de companheiro ordeiro e modelar transforma-se num marido infiel e num homem “abrasileirado”, de acordo com as palavras do narrador:

O português abrazeirou-se para sempre; fez-se preguiçoso, amigo das extravagâncias e dos abusos, luxurioso e ciumento; fora-se-lhe de vez o espírito da economia e da ordem; perdeu a esperança de enriquecer, e deu-se todo, todo inteiro, à felicidade de possuir a mulata e ser possuído só por ela, só ela, e mais ninguém. (AZEVEDO, 1995: 175)

No livro “Leituras do Desejo”, de Marcelo Bulhões, erotismo no romance naturalista brasileiro é empregado da seguinte forma “componentes eróticos da narrativa”; “recursos sinestésicos do erotismo no livro”; “provocação e estimulação do universo erótico”. Podendo então se utilizar o termo pornográfico, que é em referência a discurso de outrem, a fim de analisar as relações entre “os ritos conservadores” da sociedade e a condenação de romances naturalistas como obscenos, escandalosos, numa palavra, pornográficos. Mas, devemos estabelecer diferenças entre erotismo e pornografia no texto de Azevedo, uma vez que afirma ser necessário fazer justiça a Aluísio de Azevedo de não acreditar que houvesse deliberadamente recorrido à pornografia, ao desejo de desmoralizar, e sim ao desejo de transpassar a linguagem poética do texto que é carregada de erotismo.

Além do erotismo presente nas personagens femininas do texto de Azevedo, podemos distinguir o amor e a sensualidade. Há uma relação tão íntima entre eles que com frequência são confundidos. No livro “A dupla chama”, podemos observar a seguinte definição:



IV Colóquio de História

Abordagens Interdisciplinares sobre História da Sexualidade
de 16 a 19 de novembro de 2010 - UNICAP

“O amor é atração por uma única pessoa: por um corpo e uma alma. O amor é escolha; o erotismo, aceitação. Sem erotismo, sem forma visível que entra pelos sentidos, não há amor, mas este atravessa o corpo desejado e procura a alma no corpo e, na alma, o corpo. A pessoa inteira. O sentimento amoroso é uma exceção que é o erotismo diante da sexualidade, mas é uma exceção que aparece, porém, em todas as sociedades e épocas. (PAZ, 1994:34).

Na sexualidade, o prazer serve para procriação; nos rituais eróticos o prazer é um fim em si mesmo ou tem finalidades diferentes da reprodução. A esteridade não é só uma nota frequente do erotismo, mas também em certas cerimônias, uma de suas condições, pois na “sexualidade a violência e a agressão são componentes necessariamente ligados à reprodução; no erotismo, as tendências agressivas se emancipam, deixam de servir à procriação e se tornam fins autônomos.” (PAZ, 1994:13). E assim, podemos dizer que, a metáfora erótica, interrompe a reprodução. E no texto de Aluizio Azevedo podemos descobrir a revelação crítica dos desejos sexuais por figuras femininas que eram controladas pela representação moralista da sociedade da época. A vida erótica da mulher revela promover o desassossego, da classe moralista.

O sentimento de amor transformado em erotismo é implícito e explícito nos homens que desejam as mulheres na obra “O cortiço”. Assim como o desejo sexual que sentia o Miranda pela sua esposa adúltera, esse desejo se emancipou em sensualidade erótica provocado pela esposa. Como podemos observar na passagem seguinte da obra:

Lembrou-se da mulher, mas repeliu logo esta idéia com escrupulosa repugnância. Continuava a odiá-la. Entretanto este mesmo fato de obrigação em que se colocou de não servir-se dela, a responsabilidade de desprezá-la, como que ainda mais lhe assanhava o desejo da carne, fazendo da esposa infiel um fruto proibido...foi ter ao quarto dela. A mulher dormia a sono solto. Miranda entrou pé ante pé e aproximou-se da cama. Devia voltar...pensou. Não lhe ficava bem aquilo... Mas o sangue latejava-lhe, reclamando-a. Ainda hesitou um instante, imóvel, a contemplá-la no seu desejo. Estela, como se o olhar do marido lhe apalpassse o corpo, torceu-se sobre o quadril da esquerda, repuxando com as coxas o lençol para a frente e patateando uma nesga de nudez estofada e branca. O Miranda não pode resistir, atirou-se contra ela, que, num pequeno sobressalto, mais de surpresa que de revolta, desviou-se, tornando logo e enfrentando com o marido. E deixou-se empolgar pelos rins, de olhos fechados, fingindo que continuava a dormir, sem a menor consciência de tudo aquilo. (AZEVEDO, 2007:10).



E assim, Miranda foi arrebatado pelo “objeto erótico” representado pelo corpo de Estela que se transformou em sujeito. O desejo despertado na imaginação do personagem foi convertido em expectativa de prazer sexual.

Outro componente erótico integrante da narrativa de Azevedo é a sedução da personagem Pombinha, por parte de Léonie, prostituta de luxo que também era madrinha da adolescente. A cena seguinte denuncia o evidente interesse sexual que Pombinha despertava na madrinha. As demonstrações de afeto expressadas por esta denunciavam, de certa forma, o que estava por vir:

Nisto, chegou Pombinha com Dona Isabel. Disseram-lhes logo à entrada que Léonie estava na casa de Alexandre, e a menina deixou a mãe um instante no número 15 e seguiu sozinha para ali, radiante de alegria... A cocote recebeu-a com exclamações de agrado e beijou-a nos dentes e nos olhos repetidas vezes. – Então, minha flor, como está essa lindeza! – perguntou-lhe, mirando-a toda. – Saudades suas... respondeu a moça rindo bonito na sua boca ainda pura. (AZEVEDO, 2007:69).

A partir de então, podemos perceber que a experiente cortesã passa a cobiçar sexualmente a própria afilhada, cercando-a de atenções extremadas até conseguir concretizar seus objetivos:

- Vem cá, minha flor!... – disse-lhe puxando-a contra si e deixando-se cair pelo um divã. Sabes? Eu te quero cada vez mais!... Estou louca por ti! E devorava-a de beijos violentos, repetidos, quentes, que sufocava a menina... E, num relance, desfez-se da roupa, e prosseguiu na campanha. A menina, vendo-se descomposta, cruzou os braços sobre o seio, vermelha de pudor... arrancou-lhe a última vestimenta, e precipitou-se contra ela, a beijar-lhe todo o corpo, a empolgar-lhe com os lábios o róseo bico do peito. Oh! Oh! Deixa disso! Deixa disso! – reclamava Pombinha estorcendo-se em cócegas, e deixando ver preciosidades de nudez fresca e virginal, que enloqueciam a prostituta. (Azevedo, 2007:85)



Figura 04: *O sono*, Gustave Courbet (1866). Chocar ao revelar imagens que ficavam reclusas nos dormitórios era uma constante na obra dos realistas, tanto na pintura quanto na literatura.

Verificamos ser bastante reveladora a cena na qual Azevedo expõe a pureza da menina que agora se transfigura em mulher. Principalmente, porque após esse episódio a tão esperada menstruação de Pombinha confirma sua passagem para a vida adulta:

Pombinha não pode resistir: Assentou-se debaixo das árvores, um cotovelo em terra, a cabeça reclinada contra a palma da mão. Na doce tranquilidade daquela sombra morna, ouvia-se retinir distante a picareta dos homens da pedreira e o martelo dos ferreiros na forja. E o canto dos trabalhadores ora mais claro, ora mais duvidoso, acompanhando o marulhar dos ventos, ondeava no espaço, melancólico e sentindo como um coro religioso de penitentes. O calor tirava do capim um cheiro sensual. A moça fechou os pálpebras, vencida pelo seu delicioso entorpecimento, e estendeu-se de todo no chão, de barriga para o ar, braços e pernas abertas. Adormeceu. Começou logo a sonhar que em redor ia tudo se fazendo de um cor-de-rosa, a princípio muito leve e transparente, depois mais carregado, e mais, e mais, até formar-se em torno dela uma floresta vermelha, cor de sangue, onde largos tinhorões rubros se agitavam lentamente. E viu-se nua, toda nua, exposta ao céu, sob a tépida luz de um sol embriagador, que lhe batia de chapa sobre os seios. Mas, pouco a pouco, seus olhos, posto bem abertos, nada mais enxergavam do que uma grande claridade palpitante, onde o sol, feito de uma só mancha reluzente, oscilava como um pêndulo fantástico. Entretanto, notava que, em volta da sua nudez alourada pela luz, iam-se formando ondulantes camadas sanguíneas, que se agitavam, desprendendo aromas de flor... Lá do alto o sol a fitava obstinadamente, enamorado das suas mimosas formas de menina. Ela sorriu para ele, requebrando os olhos, e então o fogoso astro tremeu e



IV Colóquio de História

Abordagens Interdisciplinares sobre História da Sexualidade
de 16 a 19 de novembro de 2010 - UNICAP

agitou-se, e , desdobrando-se, abriu-se de par em par em duas asas e principiou a frenir, atraído e perplexo. Mas de repente, nem que se de improviso lhe inflamassem os desejos, precipitou-se lá de cima agitando as asas, e veio, enorme borboleta de fogo, adejar luxuriosamente em torno da imensa rosa, em cujo regaço a virgem permanecia com os peitos franqueados. E a donzela sempre que a borboleta se aproximava da rosa, sentia-se penetrar de um calor estranho, que lhe acendia, gota a gota, todo o seu sangue de moça. E a borboleta, sem parar nunca, doidejava e, todas as direções ora fugindo rápida, ora se chegando lentamente, medrosa de tocar com as suas antenas de brasa a pele delicada e pura da menina. Esta, delirante de desejos, ardia por ser alçada e empinava o colo. Mas a borboleta fugia. Uma sofreguidão lúbrica, desensofrida, apoderou-se da moça; queria a todo custo que a borboleta pousasse nela, ao menos um instante, um só instante, e a fechasse num rápido abraço dentro de suas asas ardentes... A borboleta não pousou; mas, num delírio, convulsa de amor, sacudiu as asas com mais ímpeto e uma nuvem de poeira dourada desprende-se sobre a rosa, fazendo a donzela soltar gemidos e suspiros, tonta de gosto sob aquele eflúvio luminoso e fecundante. Nisto, Pombinha soltou um ai formidável e despertou sobressaltada, levantando logo ambas as mãos ao meio do corpo. E feliz, e cheia de susto ao mesmo tempo, a rir-se e a chorar, sentiu o grito da puberdade sair-lhe afinal das entranhas, em uma onda vermelha e quente. (AZEVEDO, 2007:88-89).

A visão panorâmica do erotismo nas personagens femininas parece constituir uma das grandes qualidades de Aluísio Azevedo no romance “O Cortiço”. No episódio acima, o “erotismo do vermelho em suas variações está em constante consórcio com o símbolo do sol, o “sol vitorioso” que se entrega na retratação de uma sensualidade tropical em que ele é responsável por uma forma de corrupção dos instintos”, como citou Marcelo Bulhões (2003). Portanto, podemos notar que o sol representa o símbolo da fertilidade masculina, é o desejo das estreitas relações do sensual e do erótico.

É importante ressaltar que a chegada da menstruação de Pombinha, após uma relação lésbica com Léonie, expõe o esforço do naturalista em explicar biologicamente determinados acontecimentos da vida das pessoas. A relação sexual que tem com a madrinha teria estimulado o corpo da adolescente preparando-o para sua transformação em corpo de mulher. O determinismo também se faz presente ao impor o destino da jovem Pombinha, pois após o episódio relatado anteriormente, a personagem muda por completo seu comportamento. Com isso, o autor deixa de forma evidente que o desvio no comportamento da personagem é oriundo da relação sexual que manteve com Léonie. Os naturalistas viam o homossexualismo como uma perversão, daí o desvio moral da personagem Pombinha que para tristeza da sua



IV Colóquio de História

Abordagens Interdisciplinares sobre História da Sexualidade
de 16 a 19 de novembro de 2010 - UNICAP

mãe vem a ser uma esposa relapsa e infiel e isso resulta no rompimento do tão sonhado casamento entre ela e João da Costa.

O marido não deu logo pela coisa, mas começou a estranhar a mulher, a desconfiar dela e a espreitá-la, até que um belo dia, seguindo-a na rua sem ser visto, o desgraçado teve a dura certeza de que era traído pela esposa, não mais com o poeta libertino, mas com um artista dramático, que muitas vezes lhe arrancara, a ele, sinceras lágrimas de comoção, declamando no teatro em honra da moral triunfante e estigmatizando o adultério com a retórica mais veemente e indignada. Ah! não pôde iludir-se!... e, a despeito do muito que amava à ingrata, rompeu com ela e entregou-a à mãe, fugindo em seguida para São Paulo. Dona Isabel, que sabia já, não desta última falcatrua da filha, mas das outras primeiras, que bem a mortificaram, coitada! desfez-se em lágrimas, aconselhou-a a que se arrependesse e mudasse de conduta; em seguida escreveu ao genro, intercedendo por Pombinha, jurando que agora respondia por ela e pedindo-lhe que esquecesse o passado e voltasse para junto de sua mulher. O rapaz não respondeu à carta, e daí a meses, Pombinha desapareceu da casa da mãe. Dona Isabel quase morre de desgosto. Para onde teria ido a filha?... "Onde está? onde não está? Procura daqui! procura daí!" Só a descobriu semanas depois; estava morando num hotel com Léonie. A serpente vencida afinal. Pombinha foi, pelo seu próprio pé, atraída, meter-se-lhe na boca. A pobre mãe chorou a filha como morta, mas, visto que os desgostos não lhe tiraram a vida por uma vez e, como a desgraçada não tinha com que matar a fome, nem forças para trabalhar, aceitou de cabeça baixa o primeiro dinheiro que Pombinha lhe mandou. E, desde então, aceitou sempre, constituindo-se a rapariga no seu único amparo da velhice e sustentando-a com os ganhos da prostituição. Depois, como neste mundo uma criatura a tudo se acostuma, Dona Isabel mudou-se para a casa da filha. (AZEVEDO, 1995: 200)

A visão determinista do autor atinge também a filha de Jerônimo e Piedade que vivendo ao lado de uma mãe alcoólatra apresentava-se desprotegida das malícias mundanas o que a tornou numa potencial futura vítima da cortesã Pombinha. Esta, por sua vez, cerca de cuidados a jovem. E o narrador não esconde, dentro de uma visão determinista, que no futuro bem próximo ela iria se transformar numa prostituta, da mesma forma que aconteceu com Pombinha auxiliada por Léonie:

Agora, as duas cocotes, amigas inseparáveis, terríveis naquela inquebrantável solidariedade, que fazia delas uma só cobra de duas cabeças, dominavam o alto e o baixo Rio de Janeiro. Eram vistas por toda a parte onde houvesse prazer (...) Pombinha, só com três meses de cama franca, fizera-se tão perita no ofício como a outra; a sua infeliz inteligência, nascida e criada no modesto lodo da estalagem, medrou logo admiravelmente na lama forte dos vícios de largo fôlego; fez maravilhas na arte; parecia



IV Colóquio de História

Abordagens Interdisciplinares sobre História da Sexualidade
de 16 a 19 de novembro de 2010 - UNICAP

adivinhar todos os segredos daquela vida; seus lábios não tocavam em ninguém sem tirar sangue; sabia beber, gota a gota, pela boca do homem mais avarento, todo o dinheiro que a vítima pudesse dar de si. Entretanto, lá na Avenida São Romão, era, como a mestra, cada vez mais adorada pelos seus velhos e fiéis companheiros de cortiço; quando lá iam, acompanhadas por Jujú, a porta da Augusta ficava, como dantes, cheia de gente, que as abençoava com o seu estúpido sorriso de pobreza hereditária e humilde. Pombinha abria muito a bolsa, principalmente com a mulher de Jerônimo, a cuja filha, sua protegida predileta, votava agora, por sua vez, uma simpatia toda especial, idêntica à que noutro tempo inspirara ela própria à Léonie. A cadeia continuava e continuaria interminavelmente; o cortiço estava preparando uma nova prostituta naquela pobre menina desamparada, que se fazia mulher ao lado de uma infeliz mãe ébria. (AZEVEDO, 1995: 201)

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Com esse artigo, esperamos ter lançado novas luzes sobre a importância de uma análise sobre o erotismo na literatura brasileira. Acreditamos que essa temática é importante por nos fazer compreender a evolução da história da sexualidade no ocidente, pois se a arte é mais do que um reflexo da sociedade, podemos através do texto literário apreender sobre o comportamento da sociedade brasileira da segunda metade do século XIX. Além disso, esperamos ter desmistificados alguns estereótipos presentes na narrativa naturalista, apesar da consciência de que esse movimento é fruto de um momento histórico, não é danoso apontar os “excessos” retóricos integrantes dessa vertente literária. É importante destacar a coragem de Aluísio Azevedo ao abordar temas tão polêmicos quanto os desenvolvidos no romance estudado. Ao fazer isso, o autor ajudou a retirar as máscaras usadas por uma sociedade hipócrita que teimava em não mostrar as vicissitudes do comportamento humano.

REFERÊNCIAS BIBLIORÁFICAS:

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. 28ª Ed. São Paulo: Ática, 1995.

_____. **O cortiço**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2007.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 37ª Ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

BULHÕES, Marcelo. **Leitura do desejo: o erotismo no romance naturalista brasileiro**. São Paulo: Edusp, 2003.



IV Colóquio de História

*Abordagens Interdisciplinares sobre História da Sexualidade
de 16 a 19 de novembro de 2010 - UNICAP*

CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. **Presença da literatura brasileira: Modernismo**. 14ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CUPIDO. Disponível em < <http://www.mundodosfilosofos.com.br/cupido.htm>> Acesso em: 02 nov. 2010.

DURIGAN, Jesus Antônio. **Erotismo e literatura**. São Paulo: Ática, 1985.

PAZ, Octavio. **A dupla chama: amor e erotismo**. São Paulo: Siciliano, 1994.

PEREIRA, Lúcia Miguel. O Naturalismo. In: **História da literatura brasileira: prosa de ficção – de 1870 – 1920**. Belo Horizonte; São Paulo: Itatiaia; Edusp, 1988.

PROENÇA FILHO, Domício. **Estilos de época na literatura**. 15ª Ed. São Paulo: Ática, 2004.

ZOLA, Emile. **O romance experimental e o Naturalismo no teatro**. Trad. BERRETTINI, Célia; CARONI, Ítalo. São Paulo: Perspectiva, 1982.

REFERÊNCIAS DAS IMAGENS:

Figura 01: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/osvaldo-cruz/osvaldo-cruz-4.php>

Figura 02: http://www.artnews.com/issues/article.asp?art_id=2442

Figura 03: <http://www.dicavalcanti.com.br/dec20.htm>

Figura 04: <http://www.art-wallpaper.net/artist/gustave-courbet/>